



SABERES DISCENTES SOBRE MEIO AMBIENTE NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ-AP

STUDENT KNOWLEDGE ABOUT THE ENVIRONMENT, AT THE UNIVERSITY OF THE STATE OF AMAPÁ-AP

Raimunda Kelly Silva Gomes¹
<https://orcid.org/0000-0003-4653-4000>

Vitor Sousa Cunha Nery²
<https://orcid.org/0000-0002-1309-6094>

Maria do Carmo Lobato da Silva³
<https://orcid.org/0000-0003-0185-5329>

Luiza Nakayama⁴
<https://orcid.org/0000-0002-4579-2748>

Resumo:

Este artigo aborda os saberes e percepções dos acadêmicos dos cursos de licenciatura da Universidade do Estado do Amapá (UEAP) sobre a educação ambiental no processo de formação de professores. A metodologia pautou-se em entrevistas semiestruturadas e seminário de integração. Os resultados apontam que a UEAP, pouco tem contribuído para a inserção das questões socioambientais no processo de formação inicial dos professores, prevalecendo uma visão Romântica/Naturalista da relação homem-natureza. Logo, os autores consideram a necessidade de discussões críticas sobre as questões socioambientais, tendo em vista os diversos sentidos que a temática permite, tanto no ambiente formal ou não formal da educação.

Palavras-chave: formação docente; educação ambiental; saberes.

Abstract:

This article deals with the knowledge and perceptions of the undergraduate students at the University of Amapá, Brazil (UEAP), on environmental education in the teacher training process. The methodology was based on semi-structured interviews and integration seminar. The results show that the UEAP has contributed little to the inclusion of socio-environmental issues in the process of initial teacher training, with a Romantic / Naturalist view of the relationship between man and nature. Therefore, the authors consider the need for critical discussions on socio-environmental issues,

¹ Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Macapá/Amapá, Brasil

² Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amapá (UEAP), Macapá/Amapá, Brasil

³ Professora Adjunta da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá/Amapá, Brasil

⁴ Professora Titular Aposentada e Voluntária da Universidade Federal do Pará, Brasil

considering the different meanings that the theme allows, both in the formal or non-formal environment of education.

Keywords: teacher training; environmental education; knowledge.

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental (EA) em sua abordagem didático-pedagógica volta-se para a construção de uma cidadania planetária, pois educar ambientalmente, hoje vai além de sensibilizar a população para os problemas existentes, é preciso o exercício pleno da cidadania em um processo de conscientização (consciência + ação), para exteriorizar em ações, aquilo que interiorizamos (razão e emoção) para uma reflexão crítica (Guimarães, 2011; Teixeira e Torales, 2014).

Assim, a EA na formação de educadores assume o desafio de provocar mudanças na vida cotidiana dos indivíduos, dando ressignificação a relação do homem com a natureza e ao seu modo de vida (Leff, 2010), compreendendo a importância da educação para a cidadania planetária e, consequentemente, para um futuro sustentável.

Sabe-se que a compreensão da EA, pelas vivências dos educadores ambientais, possibilita a constituição da identidade socioambiental e política que consolidam as reflexões cotidianas, para tanto é necessário que o educador compreenda a EA em sua complexidade, para a transformação das relações entre sociedade e ambiente.

Para Carvalho (2012) a existência de um sujeito ecológico passa a credibilidade de que é possível um mundo transformado, em que a constituição de uma atitude ecológica concreta, possa servir de incentivo para a formação de educadores ambientais. No entanto, Tozonni-Reis (2008) alerta que essa formação é um processo de transmissão de valores e atitudes, no qual a preocupação com a formação cultural são os principais indicadores da representação da educação, através da subjetividade humana.

Nesta perspectiva, a atitude ecológica e cidadã implicam em um processo de reflexão-ação, pois o que fazer e como fazer, nem sempre garantem a formação de uma atitude ecológica, isto é, de sistemas de valores sobre como se relacionar com o ambiente, os quais serão concretizados de acordo com o posicionamento do sujeito na escola e em outros espaços e circunstâncias de sua vida (Ab' Saber, 1994).

A EA, enquanto tendência educacional vislumbra inter-relacionar os aspectos ambientais aos educativos, possibilitando a formação de educadores ambientais, que valorizam a diversidade cultural, evidenciada no Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA), ao considerar a temática meio ambiente fundamental no fazer educativo docente; pois, devem assumir o desafio de abrir caminhos para esse porvir, traçando reflexões sobre o sentido da existência humana.

Para que ocorra a efetivação da EA nas práticas docentes, é preciso considerar que os conhecimentos escolares são decorrentes de um processo de construção social, ao mesmo tempo compartilhados e negociados entre os diversos grupos que compõem está dinâmica, no qual a temática ambiental, no processo educativo-escolar precisa integrar a prática cotidiana docente (Tardif, 2002; Torales, 2013).

No entanto, apesar da EA fazer parte dos currículos escolares, somente será efetivada, à medida que os professores reconhecerem sua importância em suas áreas de conhecimento e assumirem a responsabilidade de inclui-la em suas práxis educativa, sendo que a inserção da dimensão ambiental nas práticas escolares, depende da interpretação feita pelos professores, e suas

reflexões sobre os aspectos socioambientais do meio em que estão inseridos (Meira Cartea, 1993; Sauv , 2001).

Para tanto,   preciso que os educadores ambientais compreendam a complexidade da questão ambiental e suas implica es na vida cotidiana, o que nos remete a entender a rela o entre a forma como os professores constroem seus saberes, e os integram a sua prática docente, como elementos fundamentais para entender e repensar a inser o da EA no ensino formal.

Diante deste quadro, pode-se afirmar que a forma o dos professores, junto com outros elementos que atuam no contexto escolar,   parte do processo de incorpora o do tema no âmbito curricular, pois, sem que haja uma compreensão das questões ambientais em seus aspectos políticos, ideológicos, culturais, sociais e econ micos, as a es tendem a se tornar descaracterizadas como alternativas para a renova o da prática pedagógica.

METODOLOGIA

A Universidade do Estado do Amapá (UEAP) foi instituída pela Lei n  0996, de 31 de maio de 2006, tendo como um dos seus principais objetivos promover o acesso ao conhecimento, estimulando a produ o, integra o e divulga o dos saberes, com a responsabilidade de formar cidad es críticos e participativos, dando ênfase a uma educa o focada no uso sustentável dos recursos naturais da Amazônia Amapaense.

Partindo desse pressuposto, optamos por um estudo de caso com intuito de focalizar a forma o de professores na Amazônia, além das particularidades, representado pelas experiências e pelos conhecimentos sobre as formas de coexistência e de utiliza o dos recursos naturais, e a fun o da Universidade, na busca de estabelecer uma rela o entre o contexto agroextrativista da Amazônia amapaense com a vivência dos acadêmicos da Universidade do Estado do Amapá.

Sabendo que o estudo de caso nos permite identificar características significativas da vida real, por ser uma investiga o empírica que procura compreender os limites e o contexto dos fatos pesquisados (Alves-Mazzotti e Gewandsnajder, 1999; Alves-Mazzotti, 2006; Chizzotti, 2006). Portanto, optamos por este método por entender que ele comporta técnicas de coleta de dados que subsidiam esta pesquisa, como por exemplo: observa o direta e entrevistas com os atores pesquisados.

No que se refere às concep es e saberes docentes sobre a EA, este estudo teve como base as compreensões de Fleck (2010), o qual atribui ao sujeito um papel ativo na constru o do conhecimento, considerando que a realidade não existe enquanto abstra o do sujeito ou reflexo do objeto de forma independente, pois “o estado do saber”   o tripé fundamental na rela o cognoscitiva. Portanto, esta pesquisa teve as seguintes etapas: 1) Entrevista semiestruturada com acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Pedagogia, Filosofia, Química, Letras e Ciências Naturais, totalizando 34 (trinta e quatro) entrevistas, sobre as seguintes temáticas: meio ambiente, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, educa o e sustentabilidade; 2) Observa o direta; e 3) Seminário de integra o para discussão da temática, tendo por base os resultados das Entrevistas. E por fim, foram feitas análise qualitativa dos dados obtidos, bem como a transcri o dos relatos apresentados no decorrer da pesquisa. Destaca-se que as análises das entrevistas permitiram um aprofundamento nos grupos de discussão por temas geradores que integraram os diálogos estabelecidos no seminário de integra o, a considerar a complementariedade entre as percep es, partindo do individual para o

coletivo, conforme propõe Fleck (2010) ao enfatizar as fases de construção do conhecimento, em que no coletivo circulavam as vivências do grupo de licenciados.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

PERFIL SOCIOEDUCATIVO DOS ACADÊMICOS PESQUISADOS

Dos 34 licenciados entrevistados na UEAP, 76,9% são do sexo feminino, fato corroborado pelo estudo realizado pela Unesco (2004), o qual considera que a maioria dos professores brasileiros é de mulheres atuantes no ensino fundamental, enquanto os dados do Inep (2014) destacam a presença feminina em todas as etapas e modalidades da educação básica, somando mais de um milhão e meio de professoras em todo o Brasil (71%).

Neste sentido, Gatti (2010) chama a atenção para o fato de 75,4% dos licenciados brasileiros atualmente serem do sexo feminino, ponderando que este fenômeno é mantido desde a criação das Escolas Normais, no final do século XIX, momento histórico em que as mulheres começaram a ser recrutadas para o magistério das primeiras letras, e sua escolarização em nível médio se deu por meio dos cursos de formação para o magistério (Gatti e Barreto, 2009). Todavia, esta realidade vai se modificando à medida que se caminha da educação infantil para o ensino médio e técnico profissionalizante, em que a presença de professores do sexo masculino é marcante (Inep/Mec, 2009).

Quanto à faixa etária, verificamos que a maioria dos pesquisados possuem entre 18 e 23 anos de idade (57,7%), embora Gatti (2010) tenha constatado que menos da metade do conjunto dos licenciandos no Brasil não estejam na faixa etária ideal (de 18 a 24 anos) para a conclusão do curso superior, não foi a realidade encontrada no decorrer deste estudo. Portanto, apesar de haver disparidade na formação docente nas diversas regiões brasileira, e a região Norte, ser evidenciada por possuir um dos menores índices de desenvolvimento da educação do país e agravado por dificuldades de acesso ao ensino superior público, no entanto, os acadêmicos pesquisados estão na faixa etária esperada para a obtenção da formação superior.

PERCEPÇÕES SOBRE MEIO AMBIENTE DOS LICENCIANDOS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

A importância do estudo das concepções para entendermos um determinado significado para um indivíduo ou para um grupo de indivíduos, por meio da compreensão do sentimento e das atitudes de pessoas em relação ao meio ambiente pode favorecer a tomada de ação em busca da reconstrução do conhecimento, favorecendo novos valores e atitudes. Por esta razão, dividimos os acadêmicos por seus cursos de formação inicial, conforme a Tabela 01, a fim de verificar se havia uma percepção compartilhada entre as áreas de conhecimento.

Tabela 01- Percepções sobre meio ambiente dos licenciandos, por área de conhecimento, da Universidade do Estado do Amapá, Macapá- AP.

Curso de formação inicial	Percepção sobre meio ambiente
----------------------------------	--------------------------------------

Licenciatura em Pedagogia	<i>É o conjunto de situações que compõem o meio em que vivemos (Acadêmico 04, 14,13,17, 30, 31,33, 38) É a interação do homem com o conjunto de ecossistemas Fauna e flora (acadêmico 02, 05, 09, 13,16,19, 23, 37)</i>
Licenciatura em Letras	<i>Fauna e Flora (Acadêmico 07)</i>
Licenciatura em ciências naturais	<i>É o conjunto de situações que compõem o meio em que vivemos (Acadêmico 03, 12,18,27,32)</i>
Licenciatura em química	<i>É o conjunto de situações que compõem o meio em que vivemos (acadêmico 01, 22, 25)</i>
Licenciatura em Filosofia	<i>Não soube responder (acadêmico 15,16,17,35)</i>

Fonte: Autores, 2021

Aparentemente percebemos que a maioria dos pesquisados independente da área de conhecimento, tem uma percepção Romântica/Naturalista de meio ambiente, porém se quisermos extrapolar e deduzir que quando os licenciandos citam que meio ambiente é tudo, significa “o meio em que vivemos”, reportamos apenas aos elementos naturais, mas que estes elementos de meio natural sofre intervenção humanas, e estas modificam nesse meio ambiente é que passa a interferir no modo e na qualidade de vida humana, e neste sentido, se relacionam aos aspectos sociais, econômico e cultural, dentre outros. Parece-nos coerente, mas consideramos que os pesquisados não conseguem fazer estas interações e inferências.

Portanto, podemos afirmar que os acadêmicos pesquisados possuem uma visão *Romântica/Naturalista, Antropocêntrica/Utilitarista/Preservacionista*, a qual se refere aos aspectos estritamente físicos e biológicos, mas também não percebem o meio ambiente de forma Abrangente, a qual envolve os aspectos naturais e os resultantes das ações antrópicas, além dos resultantes da interação de todos os fatores, incluindo os sociais, econômicos e culturais.

Parece difícil para os pesquisados, uma compreensão em termos de “harmonia” ou “desarmonia” ecológica para uma percepção mais abrangente do significado de meio ambiente para a existência humana, uma vez que, a compreensão de meio ambiente enquanto interação complexa das relações socioambientais e culturais, dada a dificuldade de incorporarem espontaneamente questões que perfazem a totalidade desta discussão.

Cabe lembrar que embora na formação de professores esteja previsto que “a dimensão ambiental deve constar nos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas”, no Art.11 da Lei 9.795/99 há déficits na formação inicial docente, porque a questão ambiental é deixada de lado e, desta forma, tem repercutido diretamente na maneira como os professores (as) compreendem a relação homem-natureza (Matos, 2009; Boer e Sciot, 2011; Teixeira e Torales, 2014), por esta razão consideramos que os professores têm contribuído para a distorção da conceituação de meio ambiente na educação formal.

Gatti (2010) afirma que a formação inicial de professores têm importância ímpar, por criar as bases sobre as quais esse profissional tenha condições de exercer as atividades educativas, assim como a constituição de sua profissionalização e Cebrían et al. (2015) contemporizam, afirmando que os professores com nível universitário tem liberdade para ensinar e pesquisar sobre suas áreas

de interesse, podendo ser um facilitador para a compreensão da relevância dada as questões socioambientais na prática docente.

Neste sentido, é relevante questionarmos a maneira como tem sido trabalhada a questão ambiental na formação inicial dos acadêmicos da Universidade do Estado do Amapá, pois a maioria dos entrevistados está no quinto semestre e conforme os relatos este assunto até o momento não integrou o currículo da formação dos pesquisados, não havendo discussão a respeito na graduação; e o mais intrigante é o fato de estarmos na Amazônia e a maioria da população depender diretamente das relações sociais, política, econômica, histórica e cultural com a natureza.

PERCEPÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DOS LICENCIANDOS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAPÁ

Compreender os caminhos da Educação Ambiental (EA) no ambiente escolar leva-nos a refletir sobre os Estilos de Pensamentos (EP), que nos permite entender alternativas de sua efetivação, considerando-a enquanto processo educativo. Neste contexto, Torales (2013) afirma que a potencialização da dimensão ambiental nas práticas escolares está ligada a interpretação feita pelo professor, pois cada um adota uma visão de EA com base nas características educativas, sociais e ambientais do meio em que está inserido.

Aos questionarmos os acadêmicos dos cursos de licenciatura em: Pedagogia, letras, ciências naturais, filosofia e química sobre suas percepções de educação ambiental (EA) verificamos que 19,2% disse ser a relação entre homem e natureza, 38,5% ressaltaram a conscientização, 11,5% relacionaram o meio ambiente ao social e 30,8% não soube responder. Percebe-se que independe da conceituação dada sobre educação ambiental, prevaleceu o enfoque numa relação ecológica harmônica. Além disso, destaca-se um número expressivo de acadêmicos que se sentiram intimidados com a pergunta por não saberem responder, afirmando que suas noções de EA volta-se as campanhas apresentadas na mídia e redes sociais, geralmente associada a semana do meio ambiente.

Segundo Orsi et al. (2015), a percepção sobre EA consiste na forma como as pessoas veem o ambiente e “esse ver” é resultante de conhecimentos, experiências, crenças, emoções, cultura e ações, traduzidas em suas vivências cotidianas. Nesta perspectiva, Reigota (2010) afirma que não é incorreto afirmar que a biodiversidade, entendida como natureza “intocada”, está relacionada com a origem da EA, e nela continuará presente; no entanto, entre os principais desafios da EA, na contemporaneidade, está em ultrapassar os aspectos puramente biológicos e incorporar os seus aspectos antropológicos, culturais, econômicos, políticos e sociais, uma vez que a biodiversidade (como “recurso natural”) ocupa posição privilegiada ao romper com os limites naturalistas/preservacionista/conservacionista e amplia suas possibilidades.

Guimarães e Cardoso (2014) afirmam que esta percepção de EA acaba contribuindo para a visão de uma atividade pontual/esporádica, estanque, sem maiores reflexões com o todo, não abarcando a complexidade socioambiental da realidade, sendo que a EA holística é entendida na compreensão das contradições do sistema, que busca entender as múltiplas determinações políticas, econômicas, culturais do tempo histórico e a materialidade das relações do ser humano em sociedade com a natureza, e com outro ser humano. No entanto, pelos resultados obtidos neste estudo, observamos a necessidade de ampliar a percepção dos acadêmicos dos cursos de

licenciatura da Universidade do Estado do Amapá acerca da transformação vivenciada na realidade local.

Portanto, é preciso uma análise mais crítica, atentando às transformações sociais, locais e mundiais, tendo em vista os diversos sentidos que essa transformação ganha, tanto no ambiente formal ou não formal da educação.

PERCEPÇÃO DOS LICENCIADOS SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSVERSALIDADE

Os espaços de reflexões e atuação da EA na educação formal foram pensados para atender às necessidades básicas do sistema educacional, o que contribuiu para a marginalização da EA, tanto nas práticas educativas docentes como nos planejamentos curriculares das instituições escolares, uma vez que ela tem sido priorizada numa vertente tradicional de educação, dentro da lógica e da racionalidade estabelecida pelos sistemas de ensino (Leff, 2010).

Nesta perspectiva, a interdisciplinaridade e a transversalidade nos conteúdos básicos da EA são fundamentais na construção desse conhecimento complexo, ao compreender que o meio ambiente possui partes interdependentes e interativas, o que possibilita aos educadores atuarem como um dos mediadores na gestão das relações entre a sociedade e a natureza (Guimarães, 2011).

É inegável que de modo geral, a transversalidade e a interdisciplinaridade são interpretadas de forma equivocada e de difícil concretização e aplicação nas práticas educativas, devido ao não rompimento com a compartimentação das disciplinas curriculares e a não integração dos conteúdos curriculares com a vida cotidiana dos educandos (Coimbra, 2006).

Neste contexto, um dos maiores desafios da EA na atualidade é garantir o desenvolvimento de um currículo pautado numa perspectiva interdisciplinar, transversal e problematizadora da realidade socioambiental que “*atravessa*” o currículo escolar no processo educativo (Torres et al., 2014).

Portanto, compreender a relação entre a forma como os professores constroem seus saberes e os integram a sua prática docente, pode servir de fundamento para entender e repensar a inserção da EA no ensino formal. Por esta razão buscamos compreender o entendimento dos licenciandos da Universidade do Estado do Amapá sobre a interdisciplinaridade no processo de formação acadêmica, os quais fizeram os seguintes relatos:

Um tema dentro de *várias dimensões* (Licenciando 01)

Trabalho co-participativo das várias áreas de conhecimento dentro de uma mesma temática (Licenciando 20)

Metodologia aplicada unindo *várias disciplinas* (Licenciando 25)

Associar e trabalhar outras disciplinas ao tema trabalhado (Licenciando 26)

Percebe-se pelos relatos dos pesquisados que a visão de interdisciplinaridade ainda esta muito ligada a interconexão feita entre as disciplinas como podemos observar nos relatos “*várias dimensões*”, “*várias disciplinas*”, porém não conseguem explicar o que seria isso efetivamente na prática de uma atividade interdisciplinar no ambiente escolar, o que coloca em cheque os métodos utilizados no processo de formação e até mesmo a proposta pedagógica dos cursos de licenciatura da Universidade do Estado do Amapá.

Neste sentido, questionamos os pesquisados como tem se dado a interdisciplinaridade no seu processo de formação, e obtivemos os seguintes relatos:

A Interdisciplinaridade na formação inicial *foi superficial* (Licenciando 03)

Ainda não trabalhamos (Licenciando 05)

Apenas escutei falar (Licenciando 08)

Pelo Programa de Iniciação à docência (Licenciando 10)

Sim. Através das disciplinas em sala de aula (Licenciando 12)

Através de aula de campo (Licenciando 15)

De acordo com os relatos podemos constatar que 51,8% dos licenciandos da Universidade do Estado do Amapá afirmaram não ter tido vivenciado a interdisciplinaridade ou discutido em seu processo de formação acadêmica. Concordamos com Gallo (1997; 2009) ao lembrar que é muito difícil trabalhar na perspectiva de uma interdisciplinaridade/ transversalidade, pois fomos ensinados de forma compartimentalizada e “treinados” para reproduzir nos acadêmicos as estruturas dos “arquivos mentais”, uma vez que a organização curricular das disciplinas as coloca como realidades estanques sem a compreensão do conhecimento como um todo integrado. No entanto, Sacristán (2013) chama atenção para o fato de que só haverá mudança significativa na escolarização se o professor em formação refletir desde seu processo de formação inicial sobre o sentido do que se faz e para o que o faz, não como algo neutro, mas como um território contraditório e conflituoso sobre o qual se toma decisões, as quais não são as únicas possíveis.

Quanto a transversalidade a ser discutida no processo de formação acadêmica os licenciandos foram unânimes em afirmar que até o momento ainda não houve este tipo de reflexão nos seus cursos de formação inicial. Destacamos que a transversalidade no currículo escolar é abordada por Matias (2008) como um rizoma, ao relacioná-la com seus sistemas descentralizados, sem hierarquias e reprodução de saberes, o que contrapõe um currículo vertical e horizontal apresentado nos relatos dos professores pesquisados, pois proporciona mobilidade em todos os sentidos e direções, para além das propostas interdisciplinares.

Esta reflexão nos remete a Silva (1995) e Gallo (2009) que nos permitiu afirmar que a efetividade da proposta no ambiente escolar implicaria numa “pedagogia do caos”, pois o processo educativo fugiria do controle, rompendo hierarquias, e desfazendo planos previamente elaborados, pois a possibilidade de se praticar um currículo que não promova desigualdades e que ao mesmo tempo contemple a construção das subjetividades, ainda é um desafio.

Diante disso, como os licenciandos pesquisados ainda não ouviram falar sobre transversalidade, tendem a não considerar os pressupostos teóricos que fundamentam a temática ambiental, no currículo escolar ou citar as disciplinas Geografia, Biologia e Ciências, as quais são consenso, entre os professores em exercício nas instituições escolares, como importantes nas discussões sobre a EA (Gomes et al., 2016). Embora a Universidade do Estado do Amapá em suas propostas pedagógicas contemple atividades voltadas às questões socioambientais, a estrutura curricular dos cursos de licenciaturas segue a disciplinarização e, conseqüentemente, o isolamento em suas áreas específicas de conhecimento, o que não possibilita reflexões sobre os problemas regionais socioambientais existentes e sua interligação com os conteúdos curriculares no processo de formação docente.

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES VOLTADA AS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS DA AMAZÔNIA AMAPAENSE.

Ao questionarmos os acadêmicos sobre como a Universidade do Estado do Amapá tem contribuído para a compreensão das questões socioambientais regionais, globais e locais 32,5% dos

pesquisados abordaram ser a primeira vez que ouviram falar sobre a temática, 28,8% não respondeu, 17,5% abordaram que discutiu sobre o tema nas disciplinas em sala de aula e 21,2% ressaltaram os grupos de pesquisa.

Destaca-se que historicamente, a universidade tem sido espaço importante de constituição e disseminação do conhecimento social e historicamente produzido, cujo propósito é o exercício contínuo da reflexão e crítica, através da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, o papel da Universidade em formar professores demanda a articulação e comprometimento da educação superior com o conjunto do sistema educacional brasileiro e seus diferentes níveis de ensino e modalidades, e no caso da EA possibilitando articulações com os problemas socioambientais existentes na sociedade a nível local, global e regional.

Nesta perspectiva, Nóvoa (1992) ressalta que a formação de professores implica em investimento pessoal, autonomia intelectual e criativa sobre os percursos e projetos próprios com vistas à construção de uma identidade profissional e funcional, o que torna necessário reflexões sobre o tipo de conhecimentos e que o saber-fazer permitam aos professores desempenharem seu trabalho intercalando os saberes escolares com os saberes construídos nas vivências cotidianas, o que para a região amazônica amapaense, nos apresenta como base para uma práxis educativa focada na realidade do educando, devido as relações socioambientais diretamente estabelecida entre os indivíduos e a natureza.

No entanto, os cursos de formação inicial ao materializarem um currículo formal com os conteúdos e atividades de estágios desarticulados e isolados da realidade das escolas, acabam assumindo uma postura burocrática (Pimenta, 2005), o que dificulta reflexões sobre as contradições presentes na materialidade social do educar na busca da construção de uma sociedade sustentável, assim como para a construção de uma identidade profissional docente focada na complexidade socioambiental existente na atualidade.

De acordo com García (1999) a qualidade da formação inicial e continuada de professores vincula-se à maneira como os seus formadores articulam os conteúdos dos campos de conhecimento e a prática de ensino, o que permite a articulação entre a teoria/prática, bem como a relevância das temáticas estudadas, objetivando preparar o docente em formação para o enfrentamento dos contextos reais da prática educativa.

Nesse sentido, é perceptível a necessidade de as Universidades estarem preparadas para formar seus profissionais, pois conforme Dias (2001), em várias instituições brasileiras de ensino superior, os cursos de licenciatura não abordam, devidamente, a dimensão ambiental nos seus currículos, formando profissionais despreparados para trabalharem a educação ambiental nas suas respectivas áreas.

Para Noal (2006), o fato de trabalhar os conteúdos das disciplinas presentes nos currículos dos cursos universitários, de maneira fragmentada e isolada do contexto sistêmico, dificulta a capacidade de raciocinar os problemas concretos, ocasionando certa alienação perante a realidade atual, cujas mudanças ocorrem de forma rápida e constante. Estes elementos somados à organização universitária por departamentos e ao aspecto histórico de sua estrutura fazem prevalecer a valorização das especificidades e excluir as posições pluralistas, provocando obstáculos para a abordagem interdisciplinar orientada pela educação ambiental.

Considerando ainda a organização das universidades em departamentos, Leff (2001) aponta que as divisões na instituição estimulam o poder e as afirmações de identidade intelectual, estabelecendo uma importância superior em relação à interdisciplinaridade exigida para uma formação ambiental

dos profissionais. Para mudar este quadro, Morin (2002) cita que é necessário problematizar e refletir sobre a organização universitária e sua forma de pensar, para que os profissionais sejam formados com uma visão plena dos problemas ambientais e que possam atuar como cidadãos responsáveis e participativos.

Segundo Araújo (2004) as universidades, como formadora de educadores ambientais, têm duas principais funções: formar professores para os distintos níveis de escolaridade, propondo iniciativas de continuidade dessa formação; e investir em pesquisa de práticas educativas e metodologias fundadas na interdisciplinaridade e na investigação. Entretanto, as instituições educacionais, em geral e a universidade pública, em particular, enfrentam políticas econômicas que estabelecem diretrizes para a educação, a produção de conhecimentos e a formação profissional, em função das necessidades e das razões do mercado

Neste sentido, Pimenta (2005) aponta que o processo de formação para o exercício da docência seja contínuo na constituição da identidade profissional, visto que professorar não é uma atividade técnico-burocrática para a qual se adquire conhecimentos e habilidades mecanicistas e descontextualizadas da realidade socioambiental que o cerca. Para a autora, a natureza do trabalho docente está assegurada no ato de ensinar como contribuição ao processo de humanização de sujeitos historicamente situados.

Deste modo, espera-se que os cursos de formação desenvolvam conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que se sustentem em saberes-fazeres a partir das necessidades e os desafios que o ensino como prática proporciona ao considerar as peculiaridades existentes na Amazônia Amapaense.

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

Com base nos resultados desta pesquisa podemos afirmar que a universidade do Estado do Amapá, pouco tem contribuído para a inserção das questões socioambientais no processo de formação inicial dos professores, o que é evidenciado nos relatos dos pesquisados. Além disso, é perceptível que os problemas sociais e ambientais se entrelaçam no decorrer das análises dos discentes, no entanto, eles não conseguem compreender a complexidade da questão socioambiental, como um processo de formação cidadã.

Portanto, podemos afirmar que os acadêmicos pesquisados possuem uma visão Romântica/Naturalista, a qual se refere aos aspectos estritamente físicos, químicos e biológicos, mas também não percebem o meio ambiente de forma Abrangente, a qual envolve os aspectos naturais e os resultantes das ações antrópicas, além dos resultantes da interação de todos os fatores, incluindo os sociais, econômicos e culturais.

Parece difícil para os pesquisados, uma compreensão em termos de “harmonia” ou “desarmonia” ecológica para uma percepção mais abrangente do significado de meio ambiente para a existência humana, uma vez que, a compreensão de meio ambiente enquanto interação complexa das relações socioambientais e culturais, dada a dificuldade de incorporarem espontaneamente questões que perfazem a totalidade desta discussão.

No entanto, observamos a necessidade de ampliar a percepção dos acadêmicos dos cursos de licenciatura da Universidade do Estado do Amapá acerca da transformação vivenciada na realidade local. Portanto, é preciso um olhar mais crítico, atentando às transformações sociais, locais e mundiais, tendo em vista os diversos sentidos que essa transformação ganha, tanto no ambiente formal ou não formal da educação.

Deste modo, espera-se que os cursos de formação desenvolvam conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que se sustentem a partir das necessidades e os desafios que o ensino como prática social possibilita. Neste sentido, os autores propõem indicativos para a inserção da educação ambiental holística no processo de formação inicial de educadores na Amazônia amapaense: 1) Projeto Pedagógico do curso, com valorização das questões socioambientais locais e regionais; 2) Elaboração de um programa de Educação Ambiental institucional que assegure ações interdisciplinares e transversais tendo por base as peculiaridades locais; 3) o fortalecimento dos grupos de pesquisas como mediadores do processo de formação continua a ser proporcionado aos licenciandos da Universidade do Estado do Amapá.

REFERÊNCIAS

- AB' SABER, Azis Nacib. “(Re) conceituando a educação ambiental”. In: MAGALHÃES, Luiz Edmundo. **A questão ambiental**. São Paulo: Terra Graph, 1994, p. 45-63
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 36, n. 129, p. 637-651, set-dez, 2006.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Thosom, 1999.
- ARAÚJO, Maria Inês. A universidade e a formação de professores para a Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, s/n, p. 71 -78, Nov., 2004.
- BOER, Noemi; SCRLOT, Iassana. Educação ambiental e formação inicial de professores: ensino e concepções de estudantes de pedagogia. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, s/n., v. 26, p. 46-60, Jan./Junh., 2011.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.
- COIMBRA, Andrey de Souza. O tratamento da educação ambiental nas conferências ambientais e a questão da transversalidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio grande, v.16, s/n., p.131-140, Jan./Junh., 2006.
- DIAS, Genebaldo Freire. A situação da educação ambiental no Brasil é fractal. In: BRASIL. **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 2001. p. 71-75.
- FLECK, Ludwik. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- GALLO, Silvio. **Conhecimento, transversalidade e currículo**. Brasília: Tese de livre docência, 2009.
- GALLO, Silvio. Conhecimento, Transversalidade e Educação: para além da interdisciplinaridade. **Impulso**, Rio de Janeiro, n. 21, v. 10, p. 17-40, Agost./Set., 1997.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores**: aspectos de sua profissionalização, formação e valorização social. Brasília: Unesco, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, Jan/maio, 2010.

GUIMARÃES, Mauro; CARDOSO, Cristiane. Dos desertos geográficos a desertificação da vida. A educação ambiental em tempos de crise. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 31, n.1, p. 324-338, Jan./Junh., 2014.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. São Paulo: Papirus, 2011.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores**: para uma Mudança Educativa. Portugal: Porto, 1999.

GOMES, Raimunda Kelly Silva; NAKAYAMA, Luiza; SOUSA, Francele Benedito Baldez. A educação ambiental formal como princípio da sustentabilidade na práxis educativa. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v.esp. s/n, p. 11-39, Dez., 2016. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). **Censo escolar**. 2014. Disponível em: www.portalinep.gov.br/download.inep.gov.br/download/censo/2014_1.pdf. Acesso em: 20 de abr., 2018.

LEFF, Enrique. **Discursos sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MATIAS, Virgínia Coeli Bueno de Queiroz. A transversalidade e a construção de novas subjetividades no currículo escolar. **Currículo sem Fronteiras**, Minas gerais, v.8, n.1, p.62-75, Jan/Jun., 2008.

MEIRA CARTEA, Pablo Angei. A educación ambiental e a reforma educativa. **Revista Galega de Educación**, São Paulo, n. 18, p. 265-283, Maio/Agost., 1993.

MATOS, Mauricio dos Santos. A formação de professores/as e de educadores/as ambientais: aproximações e distanciamentos. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 203-214, Nov., 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ORSI, Raquel Fabiane Mafra; WEILER, Jaqueline Maria Alexandre; CARLETTO, Denise Lemke; VOLOSZIN, Michele. Percepção ambiental: Uma experiência de ressignificação dos sentidos. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 32, n.1, p. 20-38, Jan/Julh., 2015.

NOAL, Fernando Oliveira. Ciência e interdisciplinaridade: interfaces com a educação ambiental. In: SANTOS, José Eduardo; SATO, Michele (Org.). **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. São Carlos: Rima, 2006, p. 116-29.

PIMENTA, Selma Garrido (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2005.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2010.

SACRISTÁN, José Gimeno. O que significa o currículo? In: SACRISTÁN, José Gimeno (Org). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. São Paulo: Artmed, 2013, p. 112-134.

SAUVÉ, Lucie. **Éducation et environnement à l'école secondaire**: modèles d'intervention en éducation relative à l'environnement développés par. Montreal, Québec: Les Éditions Logiques, 2001.

SILVA, Thomas Tadeu. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. **Educação, sociedade e cultura**, Rio Grande do Sul, n.3, p. 125-142, Jan/Junh., 1995.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TORALES, Marília Andrade. A inserção da educação ambiental no currículo escolar e o papel dos (as) professores (as): da ação escolar a ação educativa-comunitária como compromisso político ideológico. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. esp., p.1-15, Março, 2013.

TEIXEIRA, Cristina; TORALES, Marília Andrade. A questão ambiental e a formação de professores para a educação básica: um olhar sobre as licenciaturas. **Educar em Revista**, Paraná, v. 30, n. 3, p. 127-144, Jun/Agost., 2014.

TORRES, Juliana Rezende; FERRARI, Nadir; MAESTRELLI, Silvia Regina Pedrosa. Educação ambiental crítica transformadora no contexto escolar: teoria e prática Freireana. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende. (org.). **Educação Ambiental**: dialogando com Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2014, p. 78-86.

TOZONNI- REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação ambiental**: natureza, razão e história. São Paulo: autores associados, 2008.

UNESCO. **O Perfil dos (as) professores (as) brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>. Acesso em: 20 de abr., 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.